



88110235



**PORTUGUESE A1 – STANDARD LEVEL – PAPER 1**  
**PORTUGAIS A1 – NIVEAU MOYEN – ÉPREUVE 1**  
**PORTUGUÉS A1 – NIVEL MEDIO – PRUEBA 1**

Wednesday 9 November 2011 (morning)  
Mercredi 9 novembre 2011 (matin)  
Miércoles 9 de noviembre de 2011 (mañana)

1 hour 30 minutes / 1 heure 30 minutes / 1 hora 30 minutos

---

**INSTRUCTIONS TO CANDIDATES**

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write a commentary on one passage only. It is not compulsory for you to respond directly to the guiding questions provided. However, you may use them if you wish.

**INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS**

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- Rédigez un commentaire sur un seul des passages. Le commentaire ne doit pas nécessairement répondre aux questions d'orientation fournies. Vous pouvez toutefois les utiliser si vous le désirez.

**INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS**

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un comentario sobre un solo fragmento. No es obligatorio responder directamente a las preguntas que se ofrecen a modo de guía. Sin embargo, puede usarlas si lo desea.

Faça o comentário de **um** dos seguintes textos:

1.

O Slow Boat to China tem um enorme aquário nojentos à entrada, com seixos roxos e palmeiras aquáticas, mas sem nenhum peixe. Pelo menos eu nunca vi lá nenhum, embora desta vez haja um caracolinho esverdeado todo apertado contra o vidro como se quisesse evadir-se. O cheiro a loja de animais daquele sítio dá-me pele de galinha e fico sempre a pensar se lá dentro na cozinha não estarão a cortar cobaias e hamsters às fatias. É muito possível. Se virem a Foz News como o meu pai devem saber que os emigrantes da Ásia comem todo o género de coisas que os americanos não comem.

“Duas doses de sopa wonton,” digo ao chinês do cabelo preto todo repuxado para trás que está sempre ali. Falo devagar e procuro captar aquela parte pequena e movediça no meio das vogais americanas e se calhar consegui porque desta vez ele entendeu-me.

Estremeço de alívio.

O meu pai chama Fung a este chinês quando não há ninguém a ouvir e pronuncia Fung de um modo tão marado que nos faz rir, embora aquilo seja um “insulto étnico” e nós não devíamos achar isso nada divertido.

O homem-que-não-é-realmente Fung diz que sim com a cabeça e rabisca umas coisas em chinês no caderninho dele. Dou-lhe o dinheiro e ele vai à caixa e dá-me o troco.

Sabe Deus o que ele pensará desta família de portugueses que entra aqui uma vez por mês para comer sempre a mesma triste refeição e que deixa uma notazinha de dólar de gorjeta. Se calhar põe-nos tripas de cobaia em vez de carne de porco. E quem lhe pode levar a mal?

Vamos até à rua, o Pedro e eu, enquanto esperamos no passeio da Willis Avenue, a poucos centímetros de nos tornarmos nas panquecas que a Morte gostaria de ter para o pequeno-almoço de hoje.

“A minha mãe fez tudo o que podia para dar cabo da minha vida. E da do Pedro.” Quando entro no consultório do Dr Rosenberg é a primeira coisa que lhe digo. Vive do outro lado da rua. Embora ele ainda não seja o meu psiquiatra a não ser na minha cabeça. Dá que pensar se alguma vez conseguirei aterrar no Planeta Normal. Quer dizer, quantas miúdas da minha idade sonham em ter um psiquiatra e não em ser uma cantora famosa?

Nenhuma que eu conheça na Herricks Middle School.

Acontece é que eu *sei* cantar e por isso não tenho de me pôr a sonhar com isso. Porque se eu trabalhasse mesmo a sério não vejo por que não podia ter pelo menos mais piada do que a Mariah Carey. Quer dizer, é uma coisa possível. Mas o que eu *não consigo* fazer por mais que tente é adormecer antes das três da madrugada. Ou ter bons amigos.

[...]

Temos de olhar as coisas de frente: ser uma rapariga de treze anos num país estrangeiro e não ter lado nenhum para onde fugir significa estar naufragada na minha própria ilha, a milhas de qualquer sítio onde quisesse estar. Ilha Teresa. Um bocado para o triste e longe das rotas de algum resort de férias, mas ainda assim com alguns encantos exóticos.

Richard Zimler, *Ilha Teresa*, (adapt.), Portugal (2009)

- Explique a visão que se apresenta dos chineses.
- Explícite as diferentes oposições que separam o narrador do mundo em que vive.
- Interprete a metáfora do último parágrafo do excerto.
- No domínio formal, saliente os aspetos que considere relevantes, sem esquecer de explicitar o efeito conseguido com o seu emprego.

2.

### Os filhos crescem

Os filhos crescem.  
Aquela coisa mais querida do mundo  
de repente tem opinião,  
derrama por querer a sopa toda,  
5 não para de chorar de pura raiva.

Os filhos crescem.  
Querem entrar no grupo que os não quer,  
pedem briga, dão gritos pela rua  
a clamar eu sou eu  
10 por não saber quem são.

Os filhos crescem  
e ficam diante de si como num ringue.  
Vão se bater até beijar a lona?  
Se duvidarem, vão.

15 Os filhos crescem.  
Desenha-se a existência em cada um,  
os pais ficam olhando, que fazer?  
E mesmo quando acertam, que é que muda?  
Os filhos crescem  
20 e não adianta se querer dar tudo,  
nem a alma.  
Desejam outras almas,  
são outros.

Os filhos crescem.  
25 Sem ler nossos romances para eles,  
se metem em capítulos inéditos.  
Já não são nós, se sentem vitoriosos.  
E continuamos eles...

Paulo Hecker Filho, *Nem tudo é poesia*, Brasil (2001)

- Identifique a figura de estilo que domina o poema e explique a sua expressividade.
- Explícite o aspeto do crescimento visível nas três primeiras estrofes.
- Explique a expressividade da figura de estilo presente na última estrofe.
- No domínio formal, saliente os aspetos que considere relevantes, sem esquecer de explicitar o efeito conseguido com o seu emprego.